

DIALOGISMO: AS VOZES EM NOTÍCIAS DE UM (FALSO) ESTUPRO

Alixandra Guedes Rodrigues de Medeiros e Oliveira¹

Universidade Federal da Paraíba (PROLING-UFPB); alixandragm@gmail.com

Resumo: Nosso artigo tenciona investigar as diversas vozes que configuram o discurso jornalístico e como o dialogismo aparece no gênero notícia, assinalando para a responsividade segundo postula Bakhtin (2011). Para a Análise Dialógica do Discurso, o dialogismo é fundante da linguagem e, nessa acepção, selecionamos cinco notícias *online*, publicadas em três portais de notícias do estado da Paraíba, referente ao falso estupro de uma jovem de 17 anos na cidade de Campina Grande. Em termos metodológicos, esse corpus identifica, a partir das premissas da perspectiva dialógica, quais são as vozes presentes e como a enunciação dialoga com elas. Logo, todo texto é sempre um respondente às vozes, marcadas ou não no discurso.

Palavras-chave: Dialogismo. Gênero notícia. Falso estupro.

PALAVRAS INICIAIS

Refletir sobre como a linguagem se organiza tem sido uma atividade ininterrupta, que remonta a estudos realizados em tempos antigos, antes da era cristã. No mundo moderno, os pensamentos realizados por Ferdinand Saussure, transcritos, organizados e publicados por seus alunos, constituem um marco para a definição do que é a linguagem, a língua e a fala e, por consequência, elevaram a Linguística ao patamar de ciência. Segundo o linguista suíço, a língua é abstrata e depende da coletividade, enquanto a fala, parte que integra a linguagem, é concreta e individual (SAUSSURE, 2012). É a partir dessa nova ciência que estudos sobre a linguagem aprofundam-se por meio de estudos, escolas linguísticas e movimentos literários.

Mikhail Bakhtin foi um dos defensores de que a linguagem está fortemente relacionada ao aspecto social. Para o filósofo russo, a compreensão sobre a linguagem se dá pela relação entre os sujeitos, visto que esta o determina e o empodera em suas ações. A linguagem é um fenômeno sócio-histórico e, por isso, ideológico, empregado para reafirmar e estabelecer poderes. É através da interação verbal atrelada à situação social, ampla e imediata que se constitui a realidade da língua, a produção da linguagem e a constituição dos sujeitos, por meio das marcas discursivas instala-se a heterogeneidade linguística.

Logo, torna-se inviável pensar as relações humanas fora do âmbito das relações sociais, visto que a vida é, essencialmente, dialógica, polissêmica e polifônica. Assim, as práticas sociais estão ligadas às práticas discursivas, que compreendem a produção,

¹Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), proc. 88882.182506/2018-01.

distribuição e consumo de textos. Na visão de Bakhtin, o texto, seja ele oral ou escrito, é um dado primário dos estudos linguísticos, filológicos e literários. É o texto que possui a característica de ser uma intenção comunicativa transmitida pelo sujeito/autor, ou seja, o texto é o cerne de toda investigação sobre o homem e o processo de materialização do enunciado. “Só o enunciado tem relação *imediate* com a realidade e com a pessoa viva falante (o sujeito) [...] Só o enunciado pode ser verdadeiro (ou não verdadeiro), correto (falso), belo, justo, etc.” (BAKHTIN, 2011, p. 328, grifo do original).

Isto posto, organizamos nosso trabalho em quatro tópicos, para além desta introdução: no primeiro, trazemos uma breve discussão teórica sobre os conceitos de dialogismo e enunciado; no segundo, discorremos sobre o gênero notícia e sua atualidade; no terceiro ponto, apresentamos a análise de cinco notícias que tratam do falso estupro com o objetivo de identificar se existe articulação de diferentes vozes e como o dialogismo vai sendo construído por meio do gênero notícia e, por fim, as considerações acerca do trajeto da análise.

1. DIALOGISMO, ENUNCIADO E RESPONSABILIDADE

A Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD) propõe o entendimento da língua enquanto resultado, não acabado, da vida verbal em determinados contextos de interação social. De acordo com Sobral (2009, p.35-37) existem três planos distintos para que ocorra a compreensão sobre o conceito de dialogismo: em primeiro plano, é o dialogismo que designa a condição de ser e agir dos sujeitos, considerando o sujeito para além de seu aspecto biológico, pois este só existiria no processo de interação com o outro.

Em seu segundo plano, figura a condição de possibilidade do dizer, de onde pode-se compreender que os sentidos são gestados no interior das interações que já foram produzidas e daquelas que virão a se concretizar. Por último, no terceiro plano evidencia que o dialogismo é a base que fomenta a produção de enunciados e discursos, uma vez que, até mesmo quando há um nível baixo interação (monólogo) ocorre dialogicidade, pois a simples menção a uma verdade anterior já é fonte de um dizer posterior. Sendo assim, entendemos junto a Bakhtin (2011), que dialogismo remete a um trio no qual além do autor/falante e do leitor/ouvinte, há vozes que perpassam a palavra encontrada anteriormente pelo autor.

No curso da interação dialógica, o enunciado apresenta como partes integrantes um projeto (a intenção do dizer), um autor (o sujeito) e a execução (a realização por parte do sujeito de sua própria intenção). Nesse sentido, o enunciado configura-se como a real unidade da comunicação discursiva e pressupõe dois critérios: a *alternância dos sujeitos*, que definem

seus contornos, já que “num dado momento, todo enunciado chega ao fim, e dá então lugar à compreensão responsiva ativo do leitor” (SOBRAL, 2009, p. 92) e o *acabamento do enunciado*, que indica que o sujeito conclui seu projeto enunciativo dando espaço para a enunciação do outro. Em ambos os aspectos, a presença do Outro é inevitável.

A natureza ativamente responsiva do enunciado demanda de sua compreensão uma resposta e é essa condição que torna cada enunciado um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2011, p. 272). O conceito de responsividade elaborado por Bakhtin (2010) nasce na existência dos sujeitos e na condição indissociável que existe entre *responder* e *responsabilizar-se* por uma resposta, do lugar único que ocupa, ele (o sujeito) confere acabamento e assinatura às suas ações e é este assinar que fomenta às possibilidades de resposta.

Reside, na natureza ativamente responsiva do enunciado, a condição ética evocada por Bakhtin. Para o autor, estamos em constante relação com o outro – seja ele um único ser ou o ser social – colocamo-nos em infinita interação, como um constructo. É nessa correlação que os sujeitos se arvoram em um processo que não emerge de suas próprias consciências, mas das diversas relações sócio-histórico-culturais situadas. Esse processo se dá numa (re)ação do sujeito quando ocorre a compreensão, já que

O ato responsável é, precisamente, o ato baseado no reconhecimento desta obrigatoriedade singularidade. É essa afirmação do *meu não-alibi no existir* que constitui a base da existência sendo dada como sendo também real e forçosamente projetada como algo ainda por ser alcançado (BAKHTIN, 2010, p. 99, grifo do autor).

de maneira que, agir responsivamente, implica assumir para si, e frente ao outro, uma postura de resposta e de responsabilidade ética, visto que o lugar que o eu ocupa é único e singular, porque “ser realmente na vida significa agir, é não ser indiferente ao todo na sua singularidade” (BAKHTIN, 2010. p. 99).

2. O SEMPRE ATUAL GÊNERO NOTÍCIA

Entendemos, assim como Bakhtin (2011), que se faz necessário considerar o panorama extralinguístico e sua relação com os enunciados para que possamos compreendê-los. Dessa maneira, o projeto discursivo do gênero notícia encontra-se imanentemente determinado pelas 1. condições sociais da situação de interação (a relação entre autor e leitor previsto); 2. pelo objeto do discurso (relevância temática) e 3. pela esfera social e suas relações dialógicas com outras esferas (campo de atividade).

Dessa forma, o projeto discursivo da notícia pode ser considerado o querer-dizer e o seu autor, ou seja, é a vontade do dizer, é a intenção do falante mediada pelo discurso e clivada de posições ideológicas e orientações valorativas. Cabe, portanto ao jornalista – pauteiro, repórter ou editor – o crivo na definição do será publicado dentre as inúmeras informações que chegam à redação por meio de fontes oficiais públicas ou privadas. Ineditismo, factualidade, proximidade, verdade ou interesse público são algumas das características que permitem transformar um acontecimento social em notícia.

Erbolato (1991, p. 52) esclarece que “as notícias são comunicações sobre fatos novos que surgem na luta pela existência do indivíduo e da própria sociedade”. Já Lage (2006, p. 26) afirma que “a notícia pode comover, motivar revolta ou conformismo, agredir ou gratificar alguns de seus consumidores.”, para o autor a notícia pode ser entendida “como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e este, de seu aspecto mais importante” (LAGE, 2001, p. 54). Pontuamos o uso da palavra “importante” que é acompanhada de muita subjetividade, assim como a seleção de qualquer fato, já que um acontecimento pode receber importância de uma pessoa e de outra não.

Inserida no vasto horizonte dos discursos, atrelada à diversidade dos gêneros, que crescem e se diferenciam à medida de seus usos num dado campo, o gênero notícia figura, de acordo com os postulados bakhtinianos como gênero secundário, com a incorporação de diálogos primários, isto é, a coleta das informações, como as fontes, que serão transformados na sequência. Eis o aspecto dialógico do gênero. Frisamos, no entanto, que mesmo sendo a notícia um gênero “relativamente estável de enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 12) comporta variações, o que pode ser visto nas notícias publicadas em portais *online*.

Com o advento da internet, na década de 1990, o jornalismo *online* surgiu no país colocando-se como forte concorrente ao jornalismo impresso, garantindo maior velocidade às notícias. Conforme explica Machado (2001, p.09), em se tratando de gênero digital esse novo conceito dissemina-se com facilidade nas redes de interação, visto que “Texto, imagem, movimento, som, tudo pode ser digitalizado e ganhar estruturalidade de um enunciado concreto, ainda que seja na realidade virtual”.

Portanto, ao partimos do pressuposto de que a linguagem é constituída na interação sócio-dialógica e de que diferentes vozes atuam no dizer discursivo, o gênero notícia exemplifica o quão profunda é relação do eu com o outro, de respostas dadas aos enunciados lidos/ouvidos, mesmo que a interação não ocorra face a face, evocando concordâncias e discordâncias, tornando evidente o dialogismo e a ideologia de quem seleciona, escreve e divulga um determinado acontecimento social.

3. QUANTAS VOZES ENCONTRAMOS AO LER UMA NOTÍCIA?

Em nosso artigo utilizamos o conceito de dialogismo, colocado pelos estudos dialógicos, com vistas a apresentas as diversas vozes que se fazem presentes no gênero notícia. Um caso de falso estupro a uma jovem de 17 anos, na cidade de Campina Grande – PB, que teria ocorrido no dia 13 de agosto do corrente ano, ganhou repercussão no estado quando a jovem veio a público e pronunciou que havia inventado o acontecido. O falso estupro deixa clara a ideia da factualidade, ao ter gerado comoção na cidade através de mensagens de protesto nas redes sociais, bem como por meio da mídia, por meio de jornais, emissoras de rádio, televisão e portais de notícias.

Selecionamos para a análise seis notícias de portais estaduais de comunicação *online*, são eles: Jornal da Paraíba, G1 Paraíba, Paraíba Todo Dia e Paraíba *Online*. Dentre as notícias, três versam sobre o ocorrido na noite do dia 13 de agosto e três discorrem sobre a negação do estupro pela jovem. A escolha desses veículos se dá com o objetivo de mostrar a diversidade de mídias em portais *online*, uma vez que essa versatilidade torna esses canais fonte na construção de notícias para outros veículos.

Em nossa análise, são apresentados os títulos e os subtítulos, referentes as notícias veiculadas pelo Jornal da Paraíba e Portal G1. Já para as notícias apresentadas pelos portais Paraíba Todo Dia e Paraíba *Online*, apresentaremos o título e um trecho do corpo da notícia, pois estes não produziram subtítulos. As notícias serão apresentadas intercalando o fato e a negação do fato, e esta organização se dá com o intuito de elencar a produção dos dizeres e os tensionamentos provocados por eles. Vejamos:

Notícia 01²

Adolescente denuncia ter sido estuprada no caminho da escola.

Estudante estava em um ônibus e disse ter sido forçada por dupla a descer do coletivo.

(Jornal da Paraíba, 14/08/2018, grifos nossos)

A construção do título em terceira pessoa conduz a uma pretensa neutralidade, o que é visto como uma das características do gênero notícia. O relato produzido nesta pessoa verbal provoca um efeito de sentido de objetividade, isto é, tem-se a sensação de que os

² A notícia está publicada em http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/adolescente-denuncia-ter-sido-estuprada-no-caminho-para-escola.html. Acesso em 28/08/2018.

acontecimentos são narrados por si mesmos, no entanto, gera no leitor certa curiosidade, a busca por mais detalhes (FIORIN, 2016). A esse respeito, Lage (1997, p. 38) aponta que a comunicação na esfera jornalística aborda temas que são extrínsecos ao emissor e ao receptor, de maneira que essa circunstância “impõe o uso quase obrigatório da terceira pessoa”.

Mesmo com o distanciamento pretendido, é possível identificar no enunciado a voz feminina, das vítimas de violência contra a mulher. No enunciado, por meio do discurso indireto, encontra-se a voz da própria adolescente, vítima da agressão. No emprego dessa voz social, historicamente estabelecida e que recebe apoio coral da sociedade, reforça a leitura de que mais uma adolescente foi vítima de violência sexual no transcurso de seu cotidiano. A escolha do substantivo adolescente pelo jornalista pode indicar uma tentativa marcada de solidariedade para aquela que sofreu abuso.

Verifica-se no enunciado do subtítulo a utilização da terceira pessoa pelo jornalista, como uma forma de neutralização, e a presença de um período composto formado por duas orações unidas pela conjunção aditiva “e”, no qual a segunda oração é formada pelo verbo *dicendi* para dar voz à vítima, o que faz reverberar vozes distintas. Bakhtin (2011, p. 238), ao tratar da oração, defende que “Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas)”, de modo que o enunciado construído no subtítulo – “*disse ter sido forçada*” – incita o leitor a dúvida sobre o ocorrido: será que realmente ela foi forçada a descer do coletivo? Esse questionamento dialoga com a voz do machismo presente na sociedade que busca culpabilizar a vítima, reforçando a desconfiança que surgiu no âmbito social.

Notícia 02³

Adolescente que denunciou estupro *confessa que mentiu* sobre violência.

Segundo *delegada* que investiga o caso, estupro não aconteceu.

(Jornal da Paraíba, 15/08/2018, grifo nosso)

Nesse título, que também evidencia uma suposta neutralidade pelo uso da terceira pessoa, e mais uma vez, constatamos o discurso indireto. Contudo, é possível reconhecer uma outra voz, a da descrença para com a vítima, uma vez que as escolhas lexicais pelos verbos *confessar* e *mentir* evidenciam a responsividade do jornalista frente a postura da adolescente,

³ A notícia foi veiculada em http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/adolescente-que-denunciou-estupro-confessa-que-mentiu-sobre-violencia.html. Acesso em 28/08/2018.

uma vez que “A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 181). Assim, ao noticiar que a jovem *confessa que mentiu*, vemos o reforço, ainda que sutil, da cultura do estupro.

O uso de terceira pessoa também é característico do subtítulo da notícia e, novamente, temos a presença do discurso indireto. No entanto, identificamos a presença de uma outra voz, a da justiça, representada pelo substantivo delegada, de modo que ecoa na produção do subtítulo a voz social que requisita a ação da justiça. Ao construir uma espécie de antonímia – *delegada x estupro* – o jornalista evoca as relações dialógicas que perpassam esses dois termos. Cabe ressaltar, ainda, o uso do verbo *investigar*, reforçando a voz de atuação policial que busca solucionar o caso.

Notícia 03⁴

Estudante é estuprada em Campina Grande após ser forçada a sair de ônibus.

Adolescente de 17 anos estava dentro do ônibus quando foi forçada a descer junto com dois suspeitos e levada até um matagal.

(Portal G1, 14/08/2018, grifos nossos)

Observamos que neste outro portal de notícias o uso de terceira pessoa é utilizado igualmente para construir o distanciamento entre o jornal e os fatos. Porém, percebemos que perpassam o título a voz social de adesão dessa instituição à voz social de a adolescente foi uma vítima indefesa, estuprada *após ser forçada a sair do ônibus*. A escolha pelo uso da voz passiva – *ser forçada* – traz para o enunciado a responsividade do jornalista perante a situação vivenciada pela jovem, posto que a palavra só encontra sua concretização quando inserida no contexto histórico real (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 192). É possível perceber que não é sobre um caso de estupro específico que se fala, mas sim sobre a cultura do estupro.

Seguindo a mesma linha, o subtítulo é produzido com base na terceira pessoa e também apresenta estruturas na voz passiva. A voz que inicialmente se sobressai é a de um coro social que não aceita tamanha violência contra uma mulher, contra uma adolescente, materializada na expressão *descer juntos com dois suspeitos*, uma vez que só na condição de coação é que um representante do sexo feminino desceria do ônibus num lugar ermo. Ao

4 Notícia retirada do site <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2018/08/14/estudante-e-estuprada-em-campina-grande-apos-ser-retirada-de-onibus.ghtml> Acesso em 28/08/2018.

reportar no enunciado que a jovem foi *levada até um matagal*, no deparamos com a voz da indignação social frente a esse tipo de fato. Não é apenas a voz do jornalista que permeia esse detalhamento, mas todo um coro social de vozes femininas que reivindicam segurança e respeito para com as mulheres.

Notícia 04⁵

Estudante *confessa* que *inventou* estupro após sair de ônibus em Campina Grande.

Adolescente *disse* ter sido forçada a descer de ônibus por suspeito que *a ameaçava com faca*. *Vídeo mostra* que ela entrou e saiu sozinha do coletivo e *exame demonstrou* que não houve violência.

(Portal G1, 14/08/2018, grifos nossos)

Mais uma vez verifica-se no título a intenção de neutralidade com a utilização da terceira pessoa. Entretanto, a escolha pelos verbos *confessar* e *inventar* colaboram para que percebamos uma voz que julga a postura da adolescente, pois sua atitude vai de encontro ao que é socialmente aceito acerca do estupro: algo muito sério, um crime, sendo pois, inaceitável uma “brincadeira” dessa natureza, assim, é possível compreender que “toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 140).

No subtítulo, temos o desdobramento da voz de recusa à conduta da jovem. O uso do verbo dicendi *disse*, somado a locução verbal *ter sido forçada*, induz o leitor à dúvida quanto ao que aconteceu de fato: ela foi forçada ou não? Em seguida, tem-se a informação de que a mesma foi ameaçada com faca, situação que evoca a voz da violência urbana cotidiana, da qual todos somos vítimas, e provoca certa empatia por parte do leitor quando este se identifica com o contexto da jovem. No entanto, a voz de reprovação à adolescente é posta novamente quando o jornalista traz a voz da ciência – *Vídeo mostra .../ exame demonstrou...* – para confirmar que tudo não passou de um engodo.

Notícia 05⁶

5 A notícia foi publicada no site <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2018/08/15/estudante-confessa-que-inventou-estupro-apos-sair-de-onibus-em-campina-grande.ghtml>. Acesso em 28/08/2018.

6 Publicada no site <https://paraibatododia.com.br/estudante-e-obrigada-a-descer-de-onibus-para-ser-estuprada-por-dois-homens-em-cg/>. Acesso em 30/08/2018.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Estudante é obrigada a descer de ônibus para ser estuprada por dois homens, em CG.
A estudante informou à PC que logo após o crime, os criminosos fugiram em um
veículo. Duas mulheres deram atenção a adolescente para acionar a polícia.
(Portal Paraíba Todo Dia, 14/08/2018, grifos nossos)

Observamos no título que a escolha pela voz passiva – *é obrigada* – evoca para o processo de leitura uma voz de vitimização da adolescente, uma vez que faz aflorar o apoio coral da sociedade acerca da brutalidade da ação dos supostos estupradores. Sob a mesma ótica, ao enunciar que a jovem foi obrigada a descer do ônibus *para ser estuprada por dois homens*, podemos perceber o eco das vozes sociais que não concebem esse tipo de violência. Fiorin aponta que uma palavra isolada não permite uma resposta, entretanto, quando inserida em um enunciado admite uma resposta. “As unidades da língua não são neutras, enquanto os enunciados carregam emoções, juízos de valor, paixões [...]” (FIORIN, 2016, p. 26).

No terceiro parágrafo da notícia, o detalhamento de como ocorreu o fato traz algumas vozes. A primeira voz remete à insegurança, a falta de policiamento, visto que já havia no local do estupro um veículo para a fuga dos *criminosos*. A segunda voz evidencia o posicionamento do portal ao denominar os suspeitos do estupro de criminosos. A terceira é a voz da solidariedade, representada pelas *duas mulheres* que deram *atenção* e orientaram a adolescente a *acionar a polícia*. Ao selecionar tais expressões, o jornalista tensiona vozes sócias que reverberam, bem como age de modo responsivo ao fato que está noticiando.

Notícia 06⁷

Delegada confirma que adolescente mentiu sobre estupro, em Campina.
– [...]. Não vamos julgar a atitude dela, pois é uma adolescente que está passando
por sérios problemas psicológicos e que, inclusive, já tentou até suicídio. Então, a
justificativa para ela ter feito isso foi a questão do psicológico dela não estar bom.
Estamos dando apoio à família. [...]. Mas, ela vai continuar o tratamento psicológico –
pontuou (a delegada).

(Portal Paraíba Online, 15/08/2018, grifos nossos)

7 A notícia, publicada em 15 de agosto de 2018, está disponível em <https://paraibaonline.com.br/2018/08/delegada-confirma-que-adolescente-mentiu-sobre-estupro-em-campina/>
Acesso em 30/08/2018.

O título da última notícia inicia convocando a voz da autoridade policial e sua ação de dissipar a dúvida que se instalou sobre a adolescente ter sido estuprada na noite da segunda, 13 de agosto. Ao trazer, dentro da voz da delegada, a voz da jovem assumindo que mentiu, o jornalista encoraja os leitores a se colocarem contra a suposta vítima, fazendo uso de uma voz que reprova essa atitude e, conseqüentemente, recebe apoio coral por ser a mulher uma voz estigmatizada na sociedade.

O último parágrafo da notícia é constituído pela voz da delegada. O discurso direto, com presença da primeira pessoa, é marcado pelo uso do travessão, ou seja é explícito e acaba por acarretar certa dramaticidade ao texto. Perpassam no enunciado da delegada vozes distintas, tais como, a voz da empatia, que sugeri *não julgar* a atitude da adolescente; a voz da falta de saúde mental, ao justificar a conduta da jovem por ela sofrer de *sérios problemas psicológicos* e, devido a esse fator, *já tentou até suicídio*, ratificando a seriedade da situação; a voz da instituição familiar, que sofreu ao saber do possível estupro a um de seus membros e por isso necessita de *apoio* e, por fim, não menos importante, a voz da psicologia, que surge como argumento de autoridade para atestar o comportamento da adolescente ao evidenciar que *ela vai continuar com o tratamento psicológico*.

Considerações finais

A análise por nós empreendida sobre o falso estupro ocorrido na cidade de Campina Grande, PB, reforça a ideia de a linguagem não é neutra e que as escolhas realizadas revelam a dinamicidade e mutabilidade da língua, cujos sentidos são vários e ocorrem por meio do dialogismo. Frente à diversidade, diversos são os fios ideológicos que perpassam os dizeres.

Salientamos que as escolhas lexicais, linguísticas, tipológicas, e até tipográficas, estão sempre a serviço das relações dialógicas, com o objetivo de ratificar os já-ditos. Ao tratar a personagem da notícia por “adolescente”, “estudante”, “ela”, bem como o uso da voz passiva, destacam os posicionamentos axiológicos dos jornalistas e suas respectivas atitudes responsivas frente o fato a ser noticiado.

Verificamos que o espaço *online* acaba por garantir agilidade às notícias produzidas, propagando-as para outros espaços, como as redes sociais, e tornando-as subsídio para a produção em outros veículos, como o rádio, a televisão e os jornais impressos. Logo, entendemos que o gênero notícia é imanentemente dialógico, pois revela uma multiplicidade de vozes interdependentes e permite a interação com o leitor.

Sob o prisma da dialogia, uma mistura de vozes constituem a notícia. De modo que, nenhuma escolha é vã, uma vez que os fios ideológicos, relativamente marcados, entrelaçam-se nas tramas narrativas que são lidas, reproduzidas e propagadas, diariamente. As vozes sociais que aí se encontram são ora consoantes ora dissonantes aos pontos de vista do leitor, fazendo com que a notícia sejam bem ou mal recepcionada, encontre ou não eco nas vozes que ressoam no próprio leitor.

Logo, averiguamos que mesmo com a presença constante da terceira pessoa na materialidade das notícias analisadas sobre o falso estupro, com vistas a manter o distanciamento dos fatos relatados, foi possível identificar as diversas vozes que permearam a construção das notícias, pois o enunciado realiza-se em em consonância com outros que vieram antes e aponta para dizeres futuros; também observamos que, em medida equivalente, houve comoção e repreensão no tocante à atitude da adolescente, o que, para nós, evidencia a responsividade ativa dos agentes envolvidos na produção do gênero notícia.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

_____. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas paulo Bezerra. Nota da edição russa de Serguei Batcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2001.

MACHADO, Irene. Digitalização. Linguagem. Discurso. As mediações dialógicas possíveis. *Lumina*. Juiz de Fora – Facom/UFJF. v. 4, n. 2. p. 19-48, jul/dez 2001.

VOLOCHÍNOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio à edição brasileira de: Isaac Nicolau Salum [tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein]. 28. ed. São Paulo: Edusp, 1978. (85) 3522.3222



Paulo: Cultrix, 2012.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero*: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2009.